

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO

EDINÉIA FÁTIMA NAVARRO

**PANORAMA DAS SOCIEDADES INDÍGENAS
DO BRASIL, QUANDO DA CHEGADA
DOS EUROPEUS E HOJE**

Apresentação

Este documento foi elaborado com apoio da Universidade Federal do Paraná e destina-se a alunos dos cursos de Ensino Supletivo de 5ª/8ª séries.

O conteúdo aqui apresentado tem por objetivo mostrar a diversidade das culturas indígenas do Brasil no século XV e hoje.

Sumário

INTRODUÇÃO	01
UNIDADE I	
Os agricultores e os moradores urbanos	02
O surgimento das cidades	03
UNIDADE II	
Os povos da nossa terra	09
Os povos Botocudo	11
Os Mebengokrê chamados Kaiapó	12
A influência da cultura Jê no Brasil	12
Os povos Tupi	13
A influência da cultura Tupi no Brasil	13
UNIDADE III	
Os indígenas no Brasil hoje	20
Alguns problemas enfrentados na atualidade pelos grupos indígenas, existentes hoje no Brasil	21
A atividade mineradora em áreas indígenas	21
As cifras que mostram o extermínio	22
Ibram: As jazidas não são dos índios	24
Usufruto exclusivo, com exceção	25
Projeto pode ser fatal para os Yanomami, diz antropóloga	26
Yanomami vivem sobre um tesouro de cassiterita	27
Governador antiíndio	28
Produção de texto	29
BIBLIOGRAFIA	30

Introdução

Os europeus, ao chegarem à América, deram a seus habitantes a denominação de índios por pensarem estar pisando as terras das Índias. Mesmo depois de perceber que a terra a que chegaram não era a Índia, os povos desta terra continuaram a ser chamados de índios.

Esse nome acabou por definir como iguais toda uma população que se diferenciava umas das outras em vários aspectos. Os Incas, por exemplo, e os Tupanambá, são povos completamente distintos que falam línguas e tem costumes totalmente diferentes. Os primeiros, os Incas, eram construtores de estradas e de cidades, vivendo num império administrado por um corpo de burocratas e organizado em camadas sociais hierarquizadas, enquanto os Tupinambás viviam em aldeias de casas de palha, numa sociedade sem camadas sociais em que a maior unidade política era provavelmente a aldeia.

Assim, estes povos que não tinham nada em comum entre si recebiam a mesma denominação, índios. A única coisa que aproximava estes e outros tantos povos que habitavam a América neste momento, era o fato de não serem europeus.

UNIDADE I

Os agricultores e os moradores urbanos_____

Nós já sabemos que os habitantes da América eram numerosos e de culturas diferentes. Eles se estabeleceram em lugares diferentes e se adaptaram ao continente de muitas maneiras. De modo geral eram nômades (viviam mudando de uma região para outra em busca de alimentos) ou semi-nômades, mas aos poucos alguns foram se fixando, tornando-se agricultores e também moradores de cidades.

A domesticação e o cultivo de algumas plantas, como a mandioca, o milho, a batata-doce ou a batatinha, fizeram com que os grupos tivessem a alimentação perto da aldeia e em várias épocas do ano, não precisando mudam-se para encontrar comida. Assim certos povos tornaram-se agricultores, alterando com isso não apenas seus hábitos alimentares, mas toda sua vida social e até religiosa.

A terra começou a fazer parte da vida de muitos povos, os Quíchua do Peru, por exemplo, a chamavam de Pacha Mama - terra-mãe. Alguns alimentos tiveram uma ligação quase religiosa com a tribo, como o milho para os Xavante e os Bororo ou a mandioca para vários grupos Tupi, pois desses alimentos dependia a sobrevivência do povo.

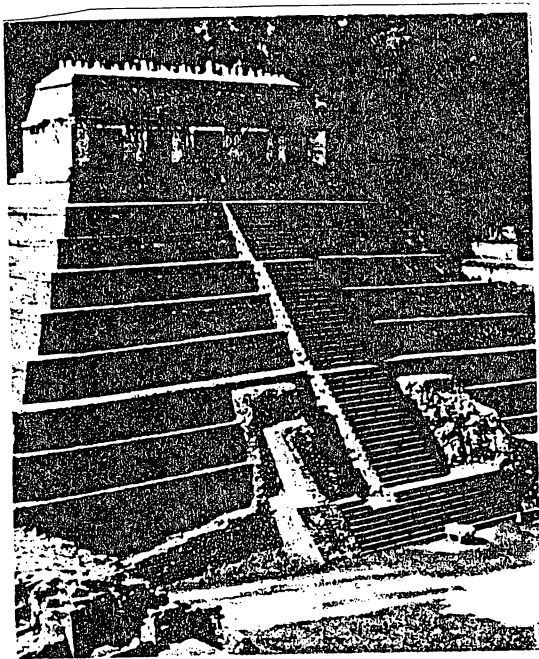
Para dirigir esta comunidade que se havia tornado muito populosa, surgiu uma classe dirigente formada por funcionários e parentes do chefe geral. Os sacerdotes foram tendo um papel muito importante, já que a religião era fundamental para dar união a todas aquelas famílias, cujos laços de casamento já não bastavam.

Foi também formado um exército com pessoas que eram pagas para isto, a fim de não tirar os homens da lavoura. Esse grupo militar era usado não apenas por ocasião das guerras, como também em época de paz, para defender as ordens do rei.

Assim a sociedade foi-se organizando em forma de **ESTADO**, onde o poder jurídico (as leis), o poder religioso (as normas, mandamentos e rituais) e o poder econômico (a propriedade, os impostos e o comércio) eram exercidos em função do rei ou da classe dirigente.

O Estado ajudou a sociedade a desenvolver melhor certos setores, como a agricultura e a defesa, mas de outro lado aumentou a opressão contra a classe dominada, que foi ficando mais explorada.

Em nosso continente três civilizações se organizaram como Estado: a asteca, na região do atual México; a maia, no sul do México e na atual Guatemala; e a incaica, que compreendia Equador, Peru e Bolívia.



A grandiosidade da arquitetura maia, uma das mais brilhantes civilizações que se desenvolveu na América, pode ser percebida pela ilustração acima (Templo das Inscrições, México). f



A íntima relação entre a religião e o militarismo asteca: o sacrifício de inimigos aos deuses.

Essas três grandes civilizações do continente tiveram um alto grau de desenvolvimento técnico e cultural. Até os conquistadores espanhóis se admiraram de encontrar cidades tão populosas e tão bem construídas. Tenochtitlán, a capital do Império Asteca, tinha no século XVI cerca de 200.000 habitantes e era uma das maiores cidades do mundo. Bernal Díaz, um dos conquistadores espanhóis, chegou a reconhecer que aquela capital em conforto, regularidade e população “deixava bem para trás Roma ou Constantinopla”.

Machu Picchu, a cidade sagrada dos Incas, hoje em ruínas, com todo o seu silêncio nos fala do esplendor alcançado por um dos povos que viviam na América.



Médicos do Império dos Inca chegaram a fazer cirurgias, e os maias elaboraram calendários precisos, além de ter uma escrita em forma de hieróglifos. Com a invasão espanhola, muita coisa se perdeu e outro tanto está por conhecer. A escrita maia, por exemplo, somente agora começa a ser decifrada.

A chegada dos europeus ao continente representou o fim de muitos povos. Centenas deles foram mortos pelas armas, no trabalho forçado das minas, no serviço escravo e sobretudo vítimas das doenças trazidas pelos europeus. Hoje ainda existem traços desses povos, seja nas ruínas das cidades antigas, seja no artesanato e na cultura de nossos países, seja principalmente na luta dos milhões de latino-americanos que não querem aceitar a dominação que até hoje lhes é imposta.

ATIVIDADES

1. Explique o surgimento das cidades entre os povos agricultores.

2. Descreva as diferenças existentes entre a vida nas aldeias e nas cidades entre os primeiros habitantes da América.

3. Como foi resolvido o problema da falta de água nas cidades do Império Inca?

4. Como foi resolvido o problema da falta de trabalhadores voluntários no Império Inca?

5. Fale sobre o papel dos chefes e dos sacerdotes nestas culturas.

6. Qual a função do exército nestas sociedades?

7. Explique o que é uma sociedade organizada em forma de Estado.

8. Leia com atenção a narrativa (no século XVI) do conquistador espanhol Bernal Diaz del Castilho sobre suas impressões da cidade asteca de Tenochtitlán e responda às questões propostas.

Nesta grande cidade... as casas se erguiam separadas umas das outras, comunicando-se somente por pequenas pontes levadiças e por canoas, e eram construídas com tetos terraceados. Observamos, ademais, os templos e adoratórios das cidades adjacentes, construídos na forma de torres e fortalezas e outros nas estradas, todos caiados de branco e magnificamente brilhantes. O burburinho e o ruído do mercado... podia ser ouvido até quase uma légua de distância... Quando lá chegamos, ficamos atônitos com a multidão de pessoas e a ordem que prevalecia, assim como com a vasta quantidade de mercadoria... Cada espécie tinha o seu lugar particular, que era distinguido por um sinal. Os artigos consistiam em ouro, prata, jóia, plumas, mantas, chocolate, peles curtidas ou não, sandálias e outras manufaturas de raízes e fibras de juta, grande número de escravos homens e mulheres, muitos dos quais estavam atados pelo pescoço, com gargalheiras, a longos paus. O mercado de carne vendia aves domésticas, caça e cachorros. Vegetais, frutas, comida preparada, sal, pão, mel e massas doces, feitas de várias maneiras, eram também lá vendidas. Outros locais na praça eram reservados à venda de artigos de barro, mobiliário doméstico de madeira, tais como mesas e bancos, lenha, papel, canas recheadas com tabaco misturado com âmbar líquido, machados de cobre, instrumentos de trabalho e vasilhame de madeira profusamente pintado. Muitas mulheres vendiam peixe e pequenos “pães” feitos de uma determinada argila especial que eles achavam no lago e que se assemelhavam ao queijo. Os fabricantes de lâminas de pedra ocupavam-se em talhar seu duro material e os mercadores que negociam em ouro possuíam o metal em grãos, tal como vinha das minas, em tubos transparentes, de forma que ele podia ser calculado, e o ouro valia tantas mantas, ou tantos xiquipils de cacau, de acordo com o tamanho dos tubos. Toda a praça estava cercada por “piazas” sob as quais grandes quantidades de grãos eram estocados e onde estavam, também, as lojas para as diferentes espécies de bens.(...)

(Apud Betty Megers. *América pré-histórica*. In J. Pinsky & H. Bruit, org. Op. cit. p.21.2).

8.1 Qual a sensação que o conquistador Bernal Diaz tem ao chegar em Tenochtitlán? Essa realidade era condizente com o discurso oficial dos conquistadores sobre tais civilizações?

8.2 Como era a cidade de Tenochtitlán? Tratava-se de um pequeno centro urbano? Justifique.

8.3 Descreva como era a atividade comercial dos astecas e analise as principais características.

UNIDADE II

Os Povos da Nossa Terra

Os povos que viviam no continente sul-americano, quando os europeus chegaram, já tinham mais de 30.000 anos de história. Vindos do norte, passando pela América Central, seguiram vários caminhos, até ocupar todo o continente.

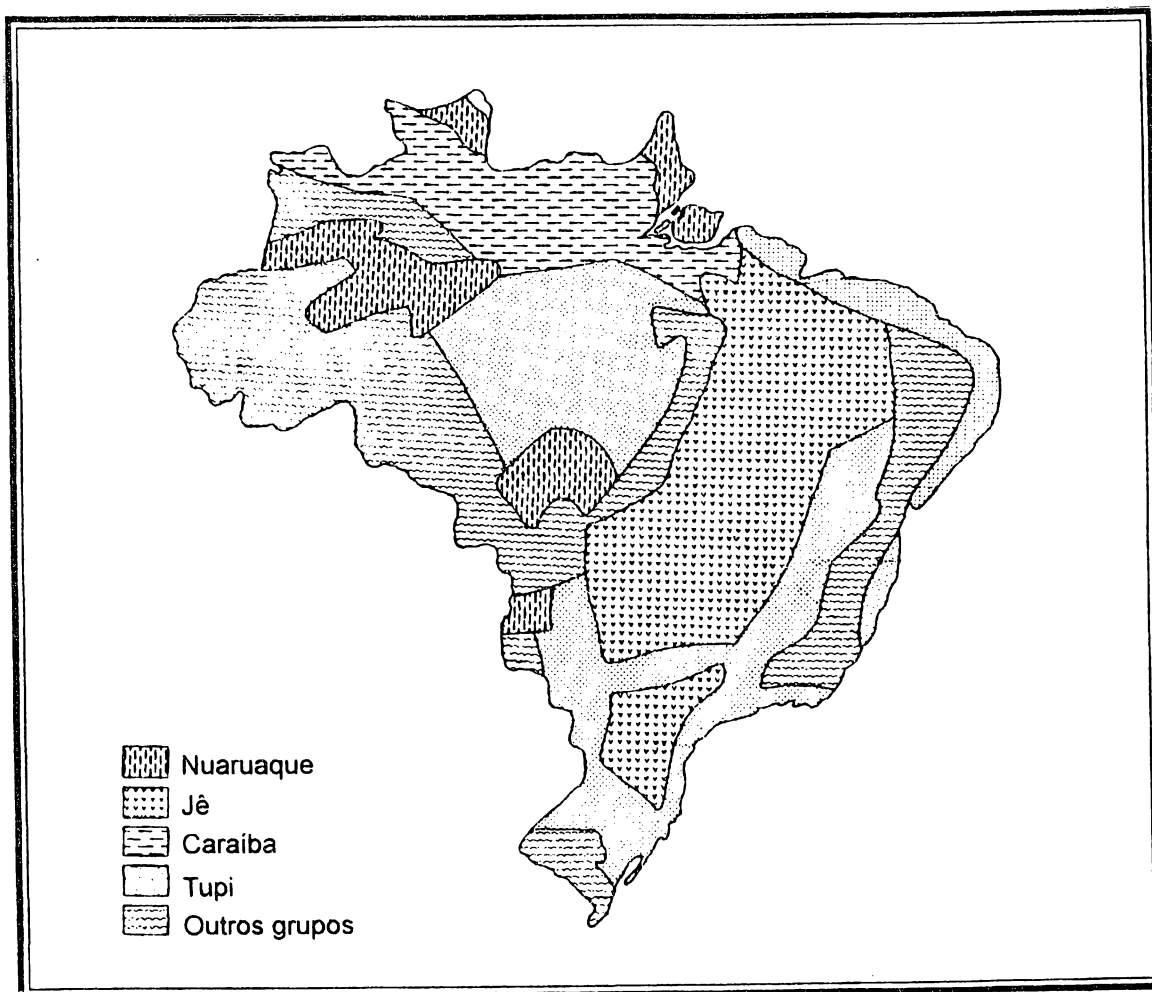


Os povos vindos do Norte seguiram vários caminhos, até ocupar todo o continente.

As migrações continuaram e alguns povos foram sendo substituídos por outros, seja por causa das guerras, seja por doenças, seja por problemas climáticos - como secas, inundações ou terremotos.

Não se sabe ao certo quantas nações havia nas Américas no final do século XVI, mas eram certamente mais de 3.000. Na região que hoje é o Brasil, havia centenas de nações, algumas aparentadas entre si falando a mesma língua ou línguas parecidas, como os Tupinambá, os Tupiniquim, os Potiguara, cujas línguas pertenciam ao tronco Tupi.

Assim já podemos perceber nosso erro quando usamos a palavra “índio”, repetindo a mesma falha dos espanhóis quando chegaram a este continente, pensando ter chegado às Índias. Eles imaginaram que todos fossem uma só nação, como se hoje considerássemos os europeus pertencentes a um só país, sem reconhecer as diferenças entre um italiano, um russo ou um inglês. Observe no mapa abaixo a distribuição das tribos indígenas no Brasil, quando da chegada dos portugueses ao nosso território.



Nenhum dos povos que aqui viviam se considerava dono de todas as terras do Brasil. Cada um deles tinha a sua terra. Havia a terra dos tupiniquins, a dos caetés, a dos carajás, a dos aimorés, e de muitos outros povos.

Cada um tinha a sua própria língua, calcula-se que 300 línguas diferentes eram faladas pelos vários povos que aqui habitavam

Os Povos Botocudo

Os Aimoré, mais tarde chamados de Guerém ou Botocudo, foram valentes guerreiros que enfrentaram a invasão portuguesa no sul da Bahia. Após a escravização dos Tupiniquim, desceram do sertão em grandes levas, atacando engenhos e vilas portuguesas. Dizia-se, na época, que quatro guerreiros Aimoré podiam destruir um batalhão português.

Eram vários povos, que tinham língua parecida e o hábito de furar a orelha e o lábio inferior, em que colocavam uma rodela de madeira, o **batoque**, nome que os portugueses davam à rolha do barril. Assim ficavam com uma aparência estranha, o que certamente influenciou portugueses nesta imagem de “selvagem” que receberam. Até hoje as nações que ainda usam o batoque, como os Kaiapó, acreditam que essas rodela de madeira no lábio inferior e na orelha os ajudam a ouvir e a falar melhor, num sentido quase espiritual.

Esses povos do batoque viveram no leste de Minas Gerais, sul da Bahia, norte de Goiás e no Paraná, a maior parte foi morta ou expulsa para as matas do Xingu, onde vivem até hoje.

Perseguidos e barbaramente caçados, os sobreviventes foram colocados em aldeamentos do governo, restando hoje apenas os Krenak, que vivem no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, que conservam um pouco da língua e um passado de sofrimento.

Os Mebengokrê chamados Kaiapó

Como os demais guerreiros Jê, os Kaiapó se destacaram ao longo da história sangrenta por resistir ao avanço dos invasores. Mas o verdadeiro nome deste povo é Mebengokrê ou gente do buraco da água, por se originarem, segundo a tradição, de um buraco e de ter passado a grande água, o famoso Rio Araguaia.

Devido aos ataques dos portugueses no século XVIII, eles deixaram o norte de Goiás para se refugiar à beira das matas no sul do Pará. Embora sejam constituídos por vários subgrupos, apresentam uma grande semelhança nos costumes e tradições.

A influência da cultura Jê no Brasi

A influência dos povos de língua do tronco macro-Jê em nossa sociedade foi tão importante quanto a dos povos Tupi, porém menos comentada.

Em área de predominância Jê - Nordeste e Centro-Oeste - grande foi sua contribuição, como o forró nordestino, a banda de pífaros de Caruaru, o famoso canto solitário do vaqueiro sertanejo ou as cestarias e esteiras de muitas regiões.

Inúmeros nomes de rios ou cidades vieram de línguas Jê, como Bendegó, Buíque, Cabrobó, Icó, Caruaru, Quixadá, Erechim, Goio-Erê, Chapecó, Xaxim, Corumbá, Cuiabá.

Hoje, representantes das nações Jê ainda se destacam na luta pela defesa de seus direitos, como o Cacique Kaiapó Raoni, o Xavante Mário Juruna ou o líder Kaingang Angelo Kretã, assassinado em 1980, no Paraná.

Os Povos Tupi

Chegando talvez em nossa terra através da Amazônia peruana, os povos Tupi tiveram um papel importante em nossa cultura, primeiramente por ter resistido à invasão portuguesa, como ocorreu com Tupinambá, Potiguara e Munduruku, e depois por terem aceito o sistema colonial. Foi através das missões dos jesuítas e dos exércitos indígenas bandeirantes que eles espalharam a cultura Tupi em todo o território brasileiro.

Tal foi sua presença na história do Brasil que, durante muito tempo e ainda hoje, quando se fala de povos indígenas, apresenta-se a cultura Tupi como única existente aqui: casa de índio é chamada **oca**, o instrumento musical é o **maracá** e as divindades são **Tupã**, **Jacy** ou **Coaracy**.

As aldeias estavam marcadas pelas guerras, pois os Tupi, ao chegar no litoral Atlântico, expulsaram povos que já moravam há mais tempo ali. Assim todas as aldeias tinham um ou duas grandes cercas de madeira, dentro das quais construíam de quatro a sete casas, com um pátio no centro. Era nesse pátio que se realizavam as grandes reuniões da comunidade, as cerimônias, enfim os fatos importantes da aldeia.

Os Tupi não tinham um chefe geral, mas cada casa tinha um chefe que era respeitado por todos os familiares.

A influência da cultura Tupi no Brasil

Além da rede de dormir, dos muitos objetos de cerâmica e da farinha de mandioca, os Tupi também deixaram no Sul, através dos Guarani, o uso do chimarrão.

Muitas palavras tupis fazem parte de nosso vocabulário como **taquara**, **tapera**, **mirim**, **maloca**, **mutirão** e outras. Uma infinidade de nomes tupis compõe a

lista de cidades, rios e montanhas de nosso país, como **Paraná, Guanabara, Ibirapuera, Jacareí, Pernambuco, Itajaí, Uruaçu**, entre outros.

Foram os bandeirantes, que falavam tupi, os grandes divulgadores destes nomes, já que por mais de um século cruzaram todo o território brasileiro.

Os 42 povos Tupi ainda existentes no Brasil continuam com uma cultura bem viva e marcada, como os Guarani, os Tapirapé ou os Suruí. Dos dois milhões de pessoas que falavam línguas do tronco tupi, hoje restam apenas 40.000 pessoas espalhadas em todo o país, lutando para não perder sua cultura e suas tradições.

Leitura complementar

Este texto mostra que os padres, com seu trabalho religioso junto aos índios, acabaram ajudando os colonizadores a dominá-los e a conquistar e ocupar suas terras.

OS PADRES E OS ÍNDIOS

*Os jesuítas chegaram
começaram o movimento,
tirando o índio da mata
e formando aldeamento.
Foi este um grande trabalho
que chamaram descimento.*

*Os padres faziam tudo
a fim de que eles mudassem;
davam roupa de presente
para que eles aceitassem.
Mandavam queimar as roças
pra que else não voltassem.*

*Para o índio fazer
o que o padre quisesse,
ele conquistava o chefe
a quem o índio obedece;
assim a tribo fazia
o que o padre dissesse.*

*A retirada do índio
de onde ele nasceu
misturando com o branco
muito prejuízo deu,
por causa dessa mistura
o índio adoeceu.*

*Os jesuítas queriam
construir comunidades
fora das povoações
pra viverem liberdade,
mas isso não foi aceito
pela alta autoridade.*

*Era costume dos índios
que viviam na floresta,
gostarem muito de enfeites
e divertir-se em festa;
os padres tiraram isso
como coisa que não presta.*

*Isto foi grande problema
do pobre índio coitado,
deixar de ser natural
como estava acostumado
para viver no regime
do branco civilizado.*

*Criaram alguns colégios
pro jesuíta ser dono;
os índios faziam parte
mas caíram no abandono;
por fim foi só privilégio
para os filhos dos colonos.*

*O branco se escondia
por trás da religião,
o seu ideal não era
a evangelização;
era utilizar Deus
pra fazer escravidão.*

*E os padres que chegavam
vindo lá do estrangeiro
que queriam libertar
nosso índio brasileiro,
eram pois acorrentados
pelos homens de dinheiro.*

*O homem branco movido
pela grande ambição,
dizia não é pecado
se fazer escravidão:
é fazer um benefício,
é trazer salvação.*

*Por isso a Guerra Santa
que os brancos inventaram,
escravizando uma parte
fora a outra que mataram...
Neste crime desumano
muitos padres ajudaram*

(José Germano Maia. *Um povo sem rosto*. São Paulo, Paulinas, 1983, Série Caminhos de Escravidão, 3, p. 26-9).

ATIVIDADES

1. Por que denominar índios as populações que aqui viviam é considerado um erro?

2. Descreva a forma de vida dos povos Botocudo.

3. Descreva a forma de viver dos povos Mebengokrê.

4. Fale sobre a importância dos povos Tupi no início da colonização.

5. Por que ainda hoje quando se fala de povos indígenas se coloca a cultura Tupi como a única existente aqui?

6. Pense no seu dia-a-dia e escreva a influência dos povos Tupi e Jê na sua vida ou de sua comunidade.

7. Leia o texto a seguir, que fala da vida dos povos que habitavam estas terras antes da chegada dos portugueses e a importância da terra, em seguida responda as questões propostas:

A terra é nossa vida

Os índios eram donos
de todas as matas,
eram donos
de todos os rios,
eram donos
de todos os campos.

Os índios não eram todos
de uma Nação só.

Tinha muita Nação diferente.

Tinha índio morando na beira do mar.
Tinha índio morando na beira do rio.
Tinha índio vivendo nas matas.
Tinha índio vivendo nos campos.

Nós sempre
conhecemos
todos os caminhos
e todas as águas
de nossa terra.

Nossa gente vivia feliz.

Tinha muita caça.

Tinha muito peixe.

tinha muita fruta.

Nunca faltava terra boa

para fazer roça.
Os índios sempre moraram nesta terra.

**FOI O ÍNDIO
QUE MOROU PRIMEIRO
NESTA TERRA.**

Antes dos brancos chegarem
tinha muito mais Nações de
índios do que hoje.

Tinha muito mais
de 5 milhões de pessoas.
Cada Nação
tinha um nome.

Cada Povo falava
a sua Língua;
cada Povo vivia
como era o costume dele.

Cada Nação sabia até onde era sua
terra.
Ninguém precisava fazer demarcação.
A terra não era de um dono só.
A terra era de toda a comunidade

**PARA NÓS,
A TERRA É NOSSA VIDA.**

(Conselho Indigenista Missionário - Cimi. *História dos povos indígenas*. 2ª ed.,
Petrópolis, Vozes, 1984, p. 19-21 e 23).

Os indígenas no Brasil hoje

A população indígena brasileira, desde a chegada dos conquistadores europeus, tem decrescido continuamente. Os motivos mais importantes desse fenômeno estão na luta com os brancos, na desorganização de sua sociedade e nas doenças introduzidas pelos colonizadores. Há duas maneiras de uma sociedade indígena desaparecer: pela assimilação de seus membros na sociedade brasileira e pela morte de seus membros. No primeiro caso, a sociedade indígena desaparece, mas os indivíduos que a compunham sobrevivem como membros da sociedade brasileira; no segundo caso, tanto a sociedade como os indivíduos desaparecem.

Não se sabe quantos grupos indígenas existiam no Brasil quando se iniciou a conquista européia. Sabe-se entretanto que a população aborígine decresceu desde então rapidamente e não deixou de diminuir até hoje. Basta dizer que no ano de 1900 o número de grupos tribais no Brasil era de duzentos e trinta; entretanto, em 1957 era somente de cento e quarenta e três. Em apenas 57 anos, portanto, desapareceram 87 grupos tribais. (Ribeiro, 1957, p.18).



Colheita de pupunha por índios Marúbo (sudeste do Amazonas).
Foto de J. C. Melatti, 1975.

Alguns problemas enfrentados na atualidade pelos grupos indígenas existentes hoje no Brasil _____

T E X T O 1

A ATIVIDADE MINERADORA EM ÁREAS INDÍGENAS

Empresas de mineração querem sa riquezas do subsolo das terras indígenas. O governo insiste em introduzir dispositivos legais que permitam a mineração nessas terras, como é o caso do Decreto-Lei 88.985, promulgado pelo governo Figueiredo em 1983.

A atividade mineradora nas áreas indígenas, sem o controle das comunidades, se constitui numa violação da integridade territorial desses povos, além dos graves danos à estrutura das comunidades, destruição do meio ambiente e dilapidação de um patrimônio que deveria ser objeto da construção das economias desses povos como e quando julgam oportuno.

O Tuxuáua Dico, do povo Sateré-Mawé, disse: “como pode mexer no que está debaixo da terra, sem mexer com quem está sobre a terra?” Para o povo indígena, cada rio, cada montanha, cada trecho de floresta tem um sentido que transcende o aspecto físico. São cemitérios, sítios sagrados, roças, áreas de caça e pesca, compondo um universo onde se elabora a vida e o sentido espiritual das culturas.

Pensar a atividade mineradora, mesmo que dentro de uma visão racional de preservação do meio ambiente, não atende à especificidade do tipo de ocupação territorial dos povos indígenas.

Nesse sentido, a proposta da União das Nações Indígenas é de que todas as atividades envolvendo as riquezas do solo e do subsolo das áreas indígenas estejam subordinadas a critérios definidos por cada nação habitante

do território em questão, considerando-se a existência de cerca de 180 micronações espalhadas por todo o território nacional. O princípio de autodeterminação dos povos aponta para a necessidade de alcançarmos uma legislação que contemple a diversidade cultural destes povos, e os diferentes estágios de contato e interação com a sociedade nacional, sem, contudo, atribuir ao Estado o papel de definidor unilateral dessa relação.

(Ailton Krenak. Coordenação Nacional da UNI. *Povos Indígenas no Brasil*, 85/86, CEDI)

TEXT O 2

AS CIFRAS QUE MOSTRAM O EXTERMÍNIO

No texto que segue, Darcy Ribeiro traça um panorama numérico sobre o impacto da civilização sobre as populações indígenas no transcurso do século XX.

1. No trânsito da condição de isolamento à de integração, oitenta e sete grupos indígenas foram levados ao extermínio e quase todos eles sofreram grandes reduções demográficas e profundas transformações nos seus modos de vida. Enquanto na relação de tribos indígenas existentes em 1990 sobressai a coluna correspondente aos grupos isolados, com 45,6% do total, na relação de 1957 sobressai a última, dos grupos extintos, com 37,8% do total.

2. O vulto do extermínio em número de pessoas foi muito mais ponderável. Aos cento e cinco grupos isolados de 1900, correspondia, segundo uma nova avaliação grosseira, uma população de cinquenta mil índios. Aos seus sobreviventes, classificáveis nas diferentes categorias de integração (exceto os ainda isolados) correspondia, em 1967, tão-somente uma população de treze mil, trezentos e vinte. A proporção do extermínio no período considerado foi, portanto, de 73,4%

3. A proporção de tribos desaparecidas nos primeiros embates com a civilização, nesse meio século, indica que as chances de sobrevivência para os isolados foram pouco superiores a 50%, uma vez que trinta e três deles desapareceram, enquanto trinta e nove conseguiram sobreviver, passando a outras condições de interação. Foram algo maiores, de cerca de 85%, as chances de sobrevivência dos grupos em contato intermitente, pois dos cinquenta e três existentes em 1900 desapareceram quatorze. Os principais fatores de extinção que operam nessas primeiras etapas de integração são a morte em conflitos com os civilizados e, sobretudo, a depopulação provocada por epidemias de gripe, sarampo, coqueluche e outras enfermidades desconhecidas.

4. Os grupos indígenas que alcançaram, no período examinado, a etapa de *convívio permanente* tiveram suas chances de sobrevivência reduzidas a 33%, conforme se comprova pelo fato de terem desaparecido vinte e oito das trinta e nove tribos nessas condições. Os grupos que já se encontravam *integrados* em 1900 suportaram melhor as vicissitudes do contato, sobrevivendo na proporção de 60%, uma vez que de vinte e nove grupos desapareceram doze. No total, desapareceram quatro de cada dez tribos existentes em 1900, sendo de se prever que, a prevalecerem as mesmas condições, cinquenta e sete dos atuais cento e quarenta e três grupos hoje existentes desaparecerão até o fim do século.

(Darcy Ribeiro/*Os Índios e a Civilização*, 1977)

ATIVIDADES

1. Analise o quadro levantado por Darcy Ribeiro e calcule a porcentagem de índios exterminados no período de 1900 a 1967.

2. Os grupos isolados tiveram mais chances de sobrevivência? Por quê?

TEXTO 3

IBRAM: AS JAZIDAS NÃO SÃO DOS ÍNDIOS

A exploração de minerais em terras indígenas voltou a agitar a Câmara dos Deputados durante palestra do presidente do Instituto Brasileiro de Mineração, Sérgio Jacques de Moraes, que falou sobre o tema na Comissão de Minas e Energia. Segundo ele, os artigos 44 e 45 da lei 6001 - Estatuto do Índio - são inconstitucionais, pois tentam subordinar as terras dos índios às jazidas, minas e substâncias minerais do solo, enquanto o artigo 168 da Emenda Constitucional número um consagrou a divisão das propriedades do solo das do subsolo, para efeito da exploração industrial dos recursos minerais.

O presidente do Ibram lembrou que o país perde muito com o impedimento da exploração das jazidas minerais em terras indígenas, pois elas representam boa parte do território nacional, particularmente em Roraima, onde ocupam mais da metade do território . Segundo ele, as empresas de mineração poderiam explorar territórios indígenas sem prejuízo para os silvícolas, que iriam usufruir do direito de participação nos resultados da exploração, inclusive com a obtenção de renda pela ocupação do solo e indenizações.

(Correio Brasiliense, 29/08/85)

ATIVIDADES

1. Qual a posição das empresas privadas em relação às reservas minerais existentes em terras indígenas?

2. Como ficaria a questão da posse das reservas minerais segundo a proposta da Comissão Afonso Arinos?

TEXT O 4

USUFRUTO EXCLUSIVO, COM EXCEÇÃO

No texto aprovado pela Comissão Provisória de estudos Constitucionais a respeito “Das Populações Indígenas”, consta a seguinte redação para o artigo 29:

“As terras ocupadas pelos índios são inalienáveis e serão demarcadas, a eles cabendo a sua posse permanente e ficando reconhecido o seu direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais do solo e subsolo e de todas as utilidades nelas existentes.”

Depois de caracterizar o que são as terras indígenas em quatro parágrafos, o Artigo 30 abre uma exceção, sob condições:

“A pesquisa, lavra ou exploração de minérios em terras indígenas poderão ser feitas somente como privilégio da União quando haja relevante interesse nacional assim declarado pelo Congresso Nacional para cada caso, desde que inexistam reservas conhecidas e suficientes ao consumo interno,, exploráveis, da riqueza mineral em questão, em outras partes do território brasileiro.

§ 1º - A pesquisa, lavra ou exploração mineral de que trata este artigo dependem do registro, ou demarcação da terra indígena no Serviço de Patrimônio da União e de prévia regulamentação a ser baixada pelo órgão federal responsável pela política indigenista das condições em que se darão a pesquisa, lavra ou exploração.

§ 2º - Ficam vedadas a remoção de grupos indígenas de suas terras e a aplicação de qualquer medida coercitiva que limite seus direitos à posse e usufruto previstos no Artigo 29.

§ 3º - A exploração das riquezas minerais em área indígena obriga ao pagamento de um percentual não inferior a 5% do valor do faturamento, em benefício das comunidades indígenas.

(Reuniões de 30/6 e 1/7 de 1986)

(Povos indígenas no Brasil, 85/86, CEDI).

TEXTO 5

PROJETO PODE SER FATAL PARA OS YANOMAMI, DIZ ANTROPÓLOGA

Os efeitos do “Projeto Calha Norte”, prevendo a ampliação da presença militar e sócio-econômica governamental na região norte da Amazônia, poderão ser “fatais” para os nove mil indígenas Yanomami brasileiros que vivem junto à fronteira com a Venezuela, caso o projeto implique na não concretização do Parque Indígena Yanomami e na modificação induzida das características culturais da nação, uma das últimas da América Latina a sobreviver dentro dos padrões originais. É o que afirmou ontem, às 10h30, em São Paulo, a antropóloga Cláudia Andujar, uma das fundadoras e diretoras da Comissão pela Criação do Parque Indígena Yanomami, fundada em 1978 com o apoio de personalidades como o cardeal D. Paulo Evaristo Arns, o jurista Afonso Franco, o empresário José Mindlin, o presidente da CNBB, D. Ivo Lorscheiter e o ecologista gaúcho José Lutzemberger, além do senador Severo Gomes (PMDB-SP), o autor do projeto de lei 379/85, de dezembro do ano passado, que tramita no Congresso, para criação do parque.

Na opinião de Cláudia, o “Projeto Calha Norte tem aspectos geopolíticos e econômicos e era desconhecido, em sua íntegra, até agora, pelas organizações indigenistas. Quanto à preocupação da chamada “comunidade de informações” sobre a suposta criação de um “Estado independente” dos Yanomami brasileiros e venezuelanos, ela afirmou que se trata de “uma história muito antiga, de pura imaginação, encobrendo interesses econômicos antiindigenistas”. Destacou que a área dos Yanomami é muito rica em minérios e “grandes grupos empresariais não se conformam em que os próprios índios sejam donos dessa riqueza, como manda a lei”.

(Folha de São Paulo, 1986)

YANOMAMI VIVEM SOBRE UM TESOURO DE CASSITERITA

No maciço de Parima, a noroeste de Roraima e a 40 Km da fronteira com a Venezuela, mais precisamente a Serra de Surucucus, dormita, geograficamente isolada por rios ou estradas, uma província mineral em que geólogos da Companhia Vale do Rio Doce identificaram reservas de cassiterita de no mínimo US\$ 240 milhões. No curto período de onze meses, encerrado em setembro de 1976, em que a área foi liberada para 4800 garimpeiros, uma frota de 54 pequenos aviões escoou 478 toneladas daquele minério.

Surucucus abrigará, dentro de dois ou três meses, um dos postos militares avançados que o Exército já está construindo, como parte do “Projeto Calha Norte”. Os setenta militares terão por vizinhos um posto da Funai com suas cinco edificações rústicas, e mais 25 crianças e dezessete adultos da aldeia pilisi, no coração da nação Yanomami, índios até hoje praticamente sem contatos com o homem branco.

(Folha de São Paulo, 1986)

GOVERNADOR ANTIÍNDIO

O governador Gilberto Mestrinho, ao defender uma política indígena coerente com a realidade amazônica, advertiu que não vai admitir que use o índio para tomar a terra do civilizado, para roubar os seringais, os castanhais e o gado, como vem acontecendo.

A advertência do governador Mesquinho foi feita durante a solenidade de encerramento do Encontro dos Empresários, na noite de quinta-feira, no Tropical Hotel de Manaus.

Mestrinho, que falou após o ministro Roberto Gusmão, da indústria e Comércio, arrancou aplausos da platéia ao se posicionar contra “os pseudos defensores dos índios e os falsos ecologistas”, disse que já usou a polícia militar e voltará a usar tantas vezes seja necessário, mas a Funai e os falsos defensores de índios, que querem defender a cultura do índio, impondo a cruz, mas que não é a cruz de Cristo, mas sim a de Max, eu não permitirei, aqui no Amazonas.

(A Crítica, 24/08/86)

Bibliografia

CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO. **Povos Indígenas no Brasil 1987/88/89/90**. São Paulo, CED, 1991. (Série Aconteceu Especial: 18).

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. 7ª ed., São Paulo, Hucitec, 1994.

PINSKY, Jaime. **História da América através de textos**. Seleção e organização Jaime Pinsky [et alii]. 4ª ed., São Paulo, Contexto, 1994.

PREZIA, Benedito. **Esta terra tinha dono**. 3ª ed., São Paulo, FTD, 1992.